

TESTEMUNHO DE LUÍS HENRIQUES¹

Testimony by Luís Henriques

Francisco Henriques²



Palavras-chave: Rabacinas, Luis Henriques, Proença-a-Nova, história de vida

Key words: Rabacinas, Luís Henriques, Proença-a-Nova, history of a life

¹ Documento publicado em 1990 no nº 9-11 do Preservação, Boletim Informativo do Núcleo Regional de Investigação Arqueológica (Vila Velha de Ródão).

² Antropólogo, arqueólogo, membro da Associação de Estudos do Alto Tejo.

Resumo

O texto é uma história breve de parte da vida de Luís Henriques (Rabacinas, 1918-1978). São registadas vivências, contadas pelo próprio, enquanto membro de uma pequena comunidade rural, situada no concelho Proença-a-Nova, enquanto escolar em Foz do Cobrão, como ceifador em vários locais do Alentejo e, finalmente, como albardeiro.

Abstract³

The theme of this text is a brief story about part of the life of Luís Henriques (Rabacinas, 1918-1978). Life experiences are registered, told by this person, as a member of a small rural community, situated in Proença-a-Nova, while scholar in Foz do Cobrão, as harvester in several places of Alentejo and, finally, as botcher.

³ Tradução de Luísa Carreiro Filipe.

Nota explicativa

Decorria o ano de 1918 quando nasceu Luís Henriques, em Rabacinas, concelho de Proença-a-Nova.

Foi o primeiro filho de um jovem casal. Herdou do pai a profissão de albardeiro, que manteve até à morte em 1978.

Era um homem popular, alegre, bom contador de histórias. Um homem culto no saber popular.

Em Maio de 1975, quando colhi junto dele este material para cassete, estava longe de pensar em dar-lhe esta utilização. Na altura, o único objectivo era utilizar alguns fragmentos do discurso num trabalho de Língua Portuguesa, o que veio a acontecer. Logo após, perdi o norte à cassete, perda insignificante, porque os valores eram outros. Mas, cerca de doze anos mais tarde, interessando-me já por temas etnográficos, reencontrei-a.

Assim, a par de um testemunho curioso, pretende esta publicação ser também uma homenagem ao homem que foi Luís Henriques.

O texto que se segue corresponde ao discurso integral da cassete. Tentou-se que a escrita fosse tão fiel quanto possível à oralidade usada.

O testemunho

Eu faço de conta que conto a minha vida. Ós cinco anos comecei a guardar ovelhas, guardei ovelhas até ós dez, no campo, qu'ó meu pai tinha multe filho e eu era o mais velho. Tive qu'andar a guardar ovelhas, vá, dos dez ós doze andei na 'scola. Vinha da Rabacinas à Foz, cinco quilómetros de distância. Ainda tínhamos a R'bêra a passar, grandes sacrifícios. Andei lá dois anos. Ós doze tirou-me da 'scola. Completei a terceira classe, não mais m'lá deixou andar.

A 'scola era uma casa velha, já ta ensinei. Ainda hoje lá tá como antigamente. Uma casa velha, um palheiro.

Antes d'mim, Quinta-feira num havia 'scola. Era domingos e quintas-feiras, num havia 'scola. Mas no mê tempo já num havia 'scola ós Domingos. Mas havia 'scola toda a semana.

Com catorze anos fui à ceifa pró Alentejo, onde fiz cinquenta e um dia de trabalho. Pró primeiro ano deram-me cento e quinze escudos. Podes ver, cento e quinze escudos e tão 'stafado com trabalhar, qu'até os homins dromiam a sesta, nós os gaiatos andávamos a ceifar. Em toda a ceifa dromi apenas três sestas, eu e os dois gaiatos, qu'íamos três gaiatos. Era um da minha idade e era outro mais velho, e essas três sestas qu'a gente dromiu íamos de muda de lado para outro e chegámos num havia semente ceifada prá gente ir atar, prá gente ir ceifar. Bem num havia. D'outra vez, tava a modo a chover, outra vez num sei porquê. Atão d'ziam assim os homes:

-Vocês houje sois uns doutores, hoje sindes doutores. Por dromirmes sesta. Bem, deram-me cento e quinze 'scudos no fim desse tempo.

TESTEMUNHO DE LUÍS HENRIQUES

Francisco Henriques

Hum, ... íamos a péi e vínhamos a péi. Vínhamos aqui dromir ó Tejo. Ó primeire ano qu'eu fui à ceifa dromi ali naquele barracão, ali qu'corre lá água, ali na Senhora Margarida Laia.

Íamos dejeuner ó Pé-da-Serra, almoçar à Póvoa-e-Meada, jantar à linha de ferro – onde a linha qu'vá pra Castel de Vide este caminho aqui atravessa, - quando começa a subir a linha pra Castel de Vide. Íamos daqui pró caminho de carro, depois, atravessa a linha e pois segue p'la 'strada de Portalegre. Dromir ó funde de Portalegre, ali debaixo d'uns ecaliptes, im Maio, tude chei d'erva, tude chei de carrapitos d'ecalipte, tudo molhado. E os apatrehos e tudo, os safões, ia tudo inrolado. Aí só dromi dois anos ou três, ós outros anos, às vezes tava a chover ou muito frio, dromiamos lá em cima n'uns cobertos. Só dromir im cima numa 'steira já davamos dez tostões cada um. Só dromir assim, na calçada. Quem num qu'ria dar dez tostões ou qu'num havia 'steiras – era cada três numa 'steira – dromiam c'as costelas im cima d'uma calçada. C'm'áqueles paralelos, era pior qu'ós paralelos, era calçada d'outra qualidade de conhos, ali im cima, dentre daquelas cav'lariças!

Íamos pr'a lá era d'ver a ver. Começávamos a trabalhar de ver a ver. Íamos cá pr'á Rabacinas, o nosso d'injum de manhã era levantar.

#

Ah, isso era a gente qu'd'zia. Íamos daqui chegávamos ò Pé-da-Serra dejinjuava-se. Ali bebia-se uns copos daquele vinhe negro qu'apracia, apracia sangue de boi. D'ali quande chegávamos à Póvoa-e-Meada ia tudo um pouco esfraquecido. Ali atão comia-se bem, puxava-se pelas ceiras, pelos farnéis qu'a gente levava; ali comia-se bem. Ali bebia-se uma pinga boa, daquele vinho tinto. Outras vezes lá s'ia a casa daqueles... íamos c'mer ò quintal daqueles lavradores. Íamos c'mer ò quintal daqueles lavradores. Comprava-se-lhe cinco ou dez litres de vinho antre todos, o vinho muita forte. Dali pr'a baixo íamos carregados, às vezes c'a faticosa às costas. Ali levávamos fato pr'a li andar quarenta ou cinquenta dias, ali três ou quatro mudas de roupa, levávamos a merenda pr'a c'mer no caminho – qu'nós lá trabalhávamos a d'c'mer. Ali quande era à saída da Póvoa já quase todos cantavam, já satisfeitos, alegres e pois d'ziam atão os encarregados, os manageiros:

“- Todo aquele qu'não o dá à saída da Póvoa num esperem por ele já im toda a ceifa qu'já nunca dá nada.”

Quer d'zer qu'nom tem sanguinhe nenhum, qu'nom tem reacção nenhuma. À saída da Póvoa os velhos indreitavam-se, os velhos já andavam, já cantavam, já num digo atão os novos.

#

Lá a nossa terra quande era à noite, im vez d'ir passar o sarão à taberna, num havia dinheire nenhum p'ra lá ir gastar... e a taberna dos homes e dos rapazes era no forno. As mulheres coziam pão de broa e cinteí qu'era quante se comia. Trigue?! Num se falava. Só quande 'stava doente é qu'compravam um trigue e punham-no à cabeceira por nom serem capaz do c'mer é qu'compavam um trigo. Dali, se passava o sarão no forno. Inquante as mulheres andavam a cozer a malta miúda ainda pro'li's'ia aguentando. Assim, assim qu'o pessoal, qu'as mulheres abalassim, até qu'nom ganhassem por homes na ceifa, já lá num parava nenhum. Aqueles moços grandes era bater num, bater n'outre. A maior parte das vezes butavam as calças abaixo, um punha-se além c'o cú de fora e outro pegava assim no cachaço e no cú das calças, - assim à

TESTEMUNHO DE LUÍS HENRIQUES

Francisco Henriques

malta miúda - e p'ò bescoço, pois ia-lhe esfregar o nariz ò olho do cú do outro. Qu'era pra nom irmos contar aquile, as coisas qu'eles lá d'ziam; falavim im raparigas, falavim numa coisa, falavim noutra e porqu'a gente num fosse contar aquilo qu'a rapaziada falava, assim qu'as luzes abalavim, - as mulheres com as lanternas – tínhamos qu'a desapracar tamém, senão,... mê amigo. Tínhamos que gramar aquela conta. Im ganhando por intêro na ceifa, por home, atão já se podia 'star.

#

O d'sinjum no nosso tempo era ir de manhã à Serra buscar um molho de mato, e ... o nosso d'sinjum era uma fatia de pão cinteí c'umas zeitonas galegas. Era o c'a gente comia d'manhã. Vínhamos de lá, comíamos ali um prato de couves, sim mistura ninhum, dessas couves ratinhas sim mistura ninhum, ali c'um bocade de broa ou um boacade d'cinteí e ... ali ingatavamos a cavar com incino, até à noite. Ainda lá havia patrões qu'ainda davam um copo de vinho. Isso! Aqueles que davam um copo d'vinho, à noite só. Isso aqueles que davam um copo de vinho ou d'aguardente, ou um copo de vinho, à noite. Outres num davam nada. No outro dia ingatava-se no mesmo... Cheguei a ter, - no máxime qu'tive – foram dezoito dias de fio a num soltar o incino, de manhã à noite, de manhã à noite, de manhã à noite, durante dezoito dias. E o meu pai qu'Dês tem, um ano antes desse ano andou vinte e oito dias a num soltar o incino, todos os dias, todos os dias, agora neste tempo a cavar as terras p'ò milho... E assim se criou a gente.

Era nas terras de cada um e atão aqueles qu'num tinham família, homins, íamos uns prós outres, quer d'zer a ganhar dinheiro.

Lá fazia a fatioca, hum. O fato qu'agente vestia era lá feito, p'r'uma costureirita d'lá. E o meu pai qu'Dês tem, qu'ria-lhe pagar e ela num qu'ria receber o dinheire. Qu'ria qu'agente p'ra lá fosse cavar, mas aquilo era d'stafa. O gage era muito valente, ele e o irmão, muita forte. Depois quando p'ra lá ia ... o gage tinha vinhe, bebia bem im casa. Ô mei dia, bebia bem e nós os desgraçados andavamos ali todo o dia sim nada e ... e vai e vai...e vai e vai...e hêmos chegar além e hêmos chegar além. Aquele qu'ia uma vez para ele num ia outra. E eu e os meus irmãos éramos às vezes obrigados a ir porque a mulher íamos lá a fazer o serviço e já num qu'ria receber o dinheiro por causa daquile. A num ser assim num apanhava lá ninguém.

Tempo de muita 'scaavidão. Tempo de muito trabalho. Mal tratados e a trabalhar muito. Francamente num sei como a gente ainda s'aguenta até agora. E parte desses velhos - qu'assim s'passaram comigo – ainda terim tanta saúde, e tanta força e mais qu'aqueles qu'agora cómim galinha, cómim frango, bem tratados, cómim bom pão e bons mimos de tudo um pouco e tão reles são; e nós naquele tempe tanta fome passámos e tante e tante frio e tão mal e ainda resistimos agora, com tante service e com tanta coisa.

#

la à Serra e sim ser à Serra, íamos aí ó pé dessa córela que cumprei aí nos Basteiros, aí na Ribêra, aí pra lá. O meu pai qu'Dês tem, agora neste tempo, metia pro lá gente a roçar mato, pois abalava pá ceifa e ficava pro lá o mato òs molhos por acarretar e eu ia simplesmente às vezes por fazer companhia à minha mãe qu'lhe custava ir sozinha; p'ra lhe fazer companha. Às vezes num trazia nada, outras vezes, t'mém já qu'ria trazer um molho. Era um criouço. A minha corda era o avintal dela. Tireva o avintal e atava ali um braçado de mato, e eu todo contente à frente dela c'o molho à cabeça, como dava uma topada numa pedra, lá ia a tocar música. Ou o

TESTEMUNHO DE LUÍS HENRIQUES

Francisco Henriques

molho num ia bem, lá ia a tocar música, lá caía eu c'o molho, a minha mãe mesmo c'o molho dela à cabeça, pegava uma mão ao meu e punha-mo à cabeça, lá ia eu. Lá ia a gente assim. Pois começámos a ir, até ... sempre debaixo de canga, sempre fartos de trabalhar, sempre feito uns negros. Hoje já é vida boa e ainda a quérим melhor. Num sei o qué qu'tão à 'spera, o qué qu'querem melhor ainda?

O pobre nunca s'viu cúm dinheire c'm'àgora. Atão o pobre tinha alguma vez algum vintém!?

Naquele tempo vinham d'lá aqui para casa do senhor José dos Santos a trabalhar, a arrancar pedra, a fazer paredes, a pôr ol'vêras, a fazer covas p'ra ol'veras, a ganhar três 'scudos pro dia, home. E a d'c'mer, tá bem, mas mal tratados. Ainda se fossem tratados c'm'àgora. Mas mal tratados. De manhã era ali uns poucos de nabos, ó mei dia uma sardinha p'ra cada um ou uma mão cheia de zeitonas, à noite uma pouca d'salada mal adubada e broa e zeitonas e pronto, mais nada.

E p'ra s'lá apanharim ainda era preciso p'dirim, quase c'ma hoje pra um bom imprego.

#

Atão naquele tempo alguém c'mia prasunto? Atão os prasuntos ia lá aquela gente do Fratel, logo aqui o chefe distrite tamém lá chegou a ir - sim sinhora, o qu'cá 'stá agora, - é filho dos Trocas.

Era mais de vinte Toucinheiros só do Fratel, iam pra lá com bestas carregadas de toucinho, dávamos nós os prasuntos im troca de toucinho. E já curados, já secos, - c'm'aquele qu'ali temos im casa agora, - já secos. Dávamos tantos quilos de prasunto p'ra nos darim tantos quilos de toucinho. O prasunto num surdia, qu'o prasunto num surdia d'ziam as mulheres, qu'o prasunto num surdia e a gente pobre a c'mer prasunto nunca s'viu, e gente pobre a c'mer prasunto nunca s'viu.

E ovos, alguma vez os comíamos? Havia muitas galinhas mas os ovos qu'elas punham raro era comer um. Era a Ti Ana Mouta qu'era lá uma sard'nhêra, a mãe do Luis Margueno. Estes qu'moram ali ò pé da Barroca, além defronte... o qu'andou ali àzeitona no Gavião pó Ramalhete, era a avó desse. Era sard'nhêra, dava-se-lhe os ovos im troca de sardinhas. Quer d'zer, davam-lhe ovos e davam uma sardinhita. E uma sardinha era dividida por três. Eu c'os meus irmãos e os mais era tudo assim. O pai e a mãe comiam metade cada um, aquande comiam, e nós os pequenos era a um a cabeça o outro o mei e outro o rabo. E quem comia houje a cabeça amanhã comia o mei, no outro dia comia o rabo. Comia o rabo uma vez, p'rá outra vez comia a cabeça; quer d'zer p'ra nom c'mer sempre o mei. Pois qu'a minha parte é maior qu'á tua, a tua é maior, a minha é mais pequena, 'stavamos sempre assim com dúv'das.

Fôssemos sete, fôssemos oito, fôssemos dez numa casa comíamos tudo d'um prato. Ali não havia cá coisas, todos ali d'um maceirão, todos ali...

Pois tavamos sempre a ralar uns c'os outros:

- Vá c'mer da tu' banda, vens c'mer aqui à minha banda, come do teu lado, num venhas c'mer aqui ò meu.

#

TESTEMUNHO DE LUÍS HENRIQUES

Francisco Henriques

Desconhecia tude, nunca tinha visto um graduado – isto é assim mesmo. Cheguei à tropa, tante sabia eu o qu'era um aspirante c'mó qu'era um alferes, c'mó qu'era isto, c'ó qu'era aquilo. É uma vida nova, tanto im comidas como im tudo. Era uma vida nova. A gente ia p'ra lá tapadinhos por completo, num conhecíamos os superiores, nim sabíamos a graduação deles, nim nada. Ali atão é qu'parte deles...

Na casa dos meus pais rui que seja a comida mas sempre s'incheu a barriga, mas nalgumas casas,... logo quande eu guardei ovelhas, havia alguns pastores, qu'andavam òs três e quatro dias qu'num levavam pão, num levavam merenda, nim levavam nada. C'miam im casa de manhã, à noite tornavam a c'mer alguma coisa e durante o dia jejuavam Mas eu sempre l'vei e sempre me mandaram c'mer e o suficiente. Pois nós, p'ra eles andarim sempre a voltar as ovelhas, dávamos-lhe nós de c'mer, eu e outros e eles andavam então sempre feitos nossos criados a voltar as ovelhas, a voltar o gado. Num tinham pão im casa e um rebanho de filhos, às semanas sim haver pão, sim pão p'ra comerim, era pouco.

#

Quande a R'bêra ia grande, chegávamos lá, a barca num trabalhava, hum... voltávamos p'ra trás. Da R'bêra da Foz p'rá Rabacinas uma hora de caminhe a andar bem e depois umas vezes íamos p'la qu'ela serra a armar abuises e praciámos im casa só de noite. Dissemos qu'íamos à 'scola. Im certo tempo íamos p'la R'bêra acima, p'la Froia acima òs peixes e dissemos que fomos à 'scola. Qu'eu fiz isso poucas vezes, mas fizeram-no companhéros meus, fizeram-no muita vez. Outra vez de manhã passávamos, ainda a barca trabalhava, pois durante o dia chovia muita água ou tinha chovido aí pra Castel Novo, aí pás serras, p'ra cima, muita força d'água. Quande era à tarde os barqueiros já num botavam a barca. Lá tínhamos nós qu'ficar na Foz. A pedir a este amigo, àquele, ós nossos camaradas da 'scola, lá íamos comer a ceia à casa deles e lá dromíamos.

No outro dia lá tinham qu'nos dar o jantar, pois nós levávamos c'mer só p'r'áquele jantar, daquele dia; até qu'às vezes no outro dia já se deitava a barca.

E a respeito d'irmos à 'scola, nom éramos obrigados, só ia quim qu'ria e depois, c'm' era assim já um matulão de 12 anos, já trabalhava e o meu pai com aquele grafalhotada de filhos pequenos im casa, quande havia aperto de trabalho, c'm'àgora neste tempo, tava òs quinze dias sim apracer na 'scola. A trabalhar im volta dele. Pronto, nim eramos castigados, nim us pais erim castigados. Quim ia, ia, qu'ím num ia, fosse, vá. Num havia azar nenhum.

A Rabacinas nessa altura tinha aí uns setenta moradores, setente e poucos, e antes de mim vinham à 'scola ò Carregal. Tava lá um senhor Major reformado e esse Major educou uma filha p'ra professora. Fez a 'scola à conta dele, lá naquile dele. Ofreceu a 'scola ò 'Stado e a filha passou lá a dar 'scola. Era atão os do Carregal, era dos Carregais, era da Ferraria, era da Lameira, éramos da Rabacinas, tudo ia à 'scola ò Carregal. Mas eu nunca lá fui, pois no mê tempo passou-se atão a ir uns pós Montes, outros pá Foz. Eu vim pá Foz.

#

Os caminhos, nim uma cabra lá acolhia passado, nim aquase um burro, carro nim falar.

TESTEMUNHO DE LUÍS HENRIQUES

Francisco Henriques

Eu p'ra ir p'ra Castel Branco, mesmo depois d'eu vir da tropa, e antes da tropa, p'ra ir p'ra Castelo Branco... tude a péi. Atão havia só uma camioneta uma vez no dia e era d'uns vinte e tal lugares e ia quase sempre vazia, até se fazia uma mangação quim ia na camioneta.

Abalávamos dali à tarde, íamos dromir à Cabeça d'Infante, perto das Sarzedas, à Cabeça d'Infante,ò Ribere da Sete, d'onde é a mulher do Chico das Bicicletas. Íamos dromir p'ra'í; naquele tempe tavam as tabernas toda a noite abertas, bem, num havia esta proibição de fechar às tantas horas. Ah, ninguém s'deitava. Quande s'deitavam os últimos começavam os primeiros àlevantar-se. Carregados, sempre carregados. Mulheres com cestos de roupa à cabeça, outras cum coisas p'ra lá ir vender, criação, outras com ovos e nós com estorgia às costas. Lá atão íamos trabalhar, eu mais o mê pai qu'Dês tem, p'ra Alcains, Póvoa Rio de Moinhos, Tinalhas, Sobral do Campo, Caféde, Ninho do Açor, Escalos de Baixo, Escalos de Cima, Lousa, Mata, por essa zona. Daí atão pra diante já quase sempre o mê pai qu'Dês tem ia começar ao Sobral do Campo e daí vinha batendo p'ra cá. Outras vezes d'Alcains já havia carros d'lá, carroças, e a gente lá pedia, já atão ò menos a estorgia, as coisas d'agente, a ferramenta e o material, e a gente já ia sim nada e d'zia:

- Olha agora já vamos sim nada, agora já é vida d'doutor, já vamos aqui sim nada.

P'la'quela 'strada fora atrás do carro, só d'irmos sim nada já éramos considerados uns doutores, já íamos sim nada, home.

Da Rabacinas ia-se a Castel Branco no fim do V'rao comprar o pão. Mais era raro. Íamos à Sobreira. Na Sobreira é qu'se fornecia tudo. Ia-se à missa òs Montes. Havia lá um pequenito comércio. De resto iam à Sobreira. Foi quando os da Sobreira s'incheram, aí intão é qu'havia os grandes comércios e foi quande eles inriqueceram. Aí pagava-se pô preço qu'eles qu'riam. Pois quim ficava a dever cem 'scudos aquande era daqui por dois ou três meses, já lá havia cento e cinquenta, ò fim d'outre tanto tempo já lá havia duzentos, a mesma conta aumentavam-na. Ninguém aquase sabia ler ou fazer contas, só eles. E nabanão não tinham dinheire pa pagar,começavam àpartar com eles, apanhavam-lhe umas ol'vêras, apanhavam-lhe um bocade de terra po preço qu'eles qu'riam e depois desde qu'soubessem qu'um tinha oferecido, ou qu'um qu'andava p'ra comprar, daqueles lavradores, daqueles negociantes como o Pinto Ferreira ou o Matos, - todos esses d'lá - os mais ninhum ofrecia nada. Tinham aquela combinação feita um c'o outro.

-Olhe quer comprar-me umas ol'vêras, assim assim, tal e qual, um chão bom d'ol'vêras, umas ol'vêras boas?

-Já as ofreceste a alguém?

- Eu já as ofreci ò senhor fulano tal, mas ele disse... ofreceu pouco, e assim num posso vinder, p'la qu'ele preço.

Ou ele diz qu'nom as quer.

-Atão tamém eu as nom quere, pronto. Logo qu'já lhas ofreceste!

Combinavam. Aqueles qu'as ofrecesse a um, o outro já num as qu'ria, qu'era p'rás levar po preço qu'eles qu'riam.

TESTEMUNHO DE LUÍS HENRIQUES

Francisco Henriques

Até na minha limbrança uns ali dos Montes, vinderim umas ol'vêras a um da Sobreira, p'ro baixo, assim as maiores, e a barreira tinha umas ol'vêras reles. O gajo já num as qu'ria, qu'ria só as boas, as grandes. Esse pobre dos Montes, andava lá à'manhá-las, a cavá-las - as ol'vêras, - e deixou lá 'scapar umas pedras e esfolou uma ol'vêra ou duas, toda. Toda? Um bocado, 'sfolou uma ol'vêra toda. O gajo vai logo:

-A ol'vêra seca-se e você tem que pagar as ol'vêras e a ol'vêra seca-se, agora meto-o no tribunal e meto-o na justiça, você farta-se de correr p'rá Sertã, nim tude quante você tem lhe chega.

A gente era tão acanhadinha e com tanto medo. Hum...

-Olhe, p'rá acabarmos com isto, intrega-me a barreira de ol'vêras com o prejuízo qu'você deu às debaixo.

Apanhou uma grande barreira cheia d'ol'vêras e bem arranjadas já, por uma 'sfoladela qu'aquelas debaixo tinham no troço. Tas a ver?

Era essa vida do fascismo, essa vida miserável, essa vida de gatunos. Naquele tempo punham os pés d'cima e faziam tudo o qu'riam d'a gente e um home num podia abrir bico.

#

Pedia-se trabalho e num se perguntava quante é qu'eu lá vou ganhar.

- Oulhe lá, você num m'dava cá trabalho?

- Oi, e tal, agora num pode ser.

-Veja lá home, s'me cá dá trabalho, agora uma semana e tal, p'ra ganhar alguma coisinha, veja lá.

Nim paga a dois nim paga a três, chegava-se ò fim dessa semana ou ò fim do tempo de quinze dias, davam aquilo qu'eles qu'riam. Se qu'riam dar três e quinhentos, davam três e quinhentos, se qu'riam dar três 'scudos davam três 'scudos e um home ali farto de trabalhar. E aquele qu'fosse mais reles p'ra trabalhar aquande era p'rá outra s'mana já lá num qu'riam. Podes ver c'm'era a miséria.

#

Cá, quande foi do tempo da Guerra da 'Spanha sofremos cá muita fome e o Salazar d'zia:

- Livre-vos da guerra, mas num vos livre da fome.

Eram comboios e comboios carregados de c'mer acompanhados p'la Guarda Fiscal, cereais e tudo um pouco, lá p'ra eles. Ele era amigo do Franco e nós cá a passar sim as cousas. Qu'ríamos arroz, num s'apanhava, qu'ríamos tudo um pouco num s'apanhava, vá, num s'apanhava nada. E propriamente andarim p'as aldeieinhas todas, p'las terras todas a pedir uma 'smola lá pr'o 'Spanhóis. Quer dizer um dava cinco ou dez tostões, outro dava mei alqueire de milho, outro mei alqueire de centei, outro dava uma chouriça, tu um bocade de toucinhe. Pois aquilo atão era vindido cá e ache qu'ia só o dinheire ou iam tamém aquelas coisas... outre dava

TESTEMUNHO DE LUÍS HENRIQUES

Francisco Henriques

uma galinha, tude p'ra lá, assim... e atão tenho ouviste contar a 'Spanhóis, qu'naquele tempe ia à ceifa ali p'rá Raia e cheguei tamém a ir à ceifa p'rá 'Spanha, depois da guerra. Até dois ou três anos fui p'rá ceifa pá 'Spanha, depois da guerra, e eles contavam lá, tinham uma parelha de mulas boas, vinham apanhavam-las no valor de tantas pesetas e qu'nunca lhe dérim nada, quer d'zer, abalarim com elas no valor de tante, mas nunca lhe derim nada.

O ouro qu' tinham im casa abalaram com ele todo e abalavam com ele, pesavam-no tá'bem, tantas gramas d'ouro no valor de tanto. Im acabando a guerra e tal, im nós podendo demos. Nunca receberam nada disse, aqueles qu'falarim comigo, receberim alguns, mas aqueles qu'falarim comigo nunca. Qu'tinham as casas cheias de pão, acabaram de colher a seara, vieram lá abalaram-lhes com a s'mente toda. Deixaram pouco mais de nada pa ele c'mer ou pr'a semear ou p'ra ele c'mer e p'ra ele semear pouco mais de nada. O outro abalaram-lhe com ele todo, p'ra lh'o pagaram claro, c'm'àqui o grémio abala com ele e paga – num faz favor nenhum – nunca lhe deram nada.

#

No mei da terra tínhamos ali uma rua, mesme à minha porta, mesme ò fundo, qu'era a Rua dos Abraços. Tu num viste já lá uma pedra – Rua dos Abraços. Num cabia uma p'ssoa uma p'la outra, nim uma sombrinha p'lo pequena qu'ela fosse num passava lá aberta. Principal numa ponta num cabia uma p'ssoa p'la outra. Depois, 'screveram lá assim a pico: "Rua dos Abraços". Depois quando a esborralharam puseram lá noutra pedra: "Rua dos Abraços acabou a tantos do tal de mil novecentos e tal".

#

Os caminhes p'ra outras terras era tude pró mei de matos, de pinhal, po mei de matos e quando s'cá fez aquele caminhe melhorado, qu'lá ia um carro, lá a Rabacinas, dos Montes p'ra baixo, f'zeram aquela ponte qu'tá no R'bêro do Chão G'lego, p'ra lá do Chão G'lego, as p'ssoas d'ziam:

- Hou migo, agora até temos medo, aqui c'o caminhe tão largo.

Era gente 'spécie de brava, vá, isto é assim mesmo.

- Isto os ladrões, uma p'ssoa p'la 'strada, os ladrões qu'só andam p'las 'stradas. Oi e tal, e agora aqui assim até temos medo do caminhe assim tão largo.

Só tavim bem no mei daquelas montanhas, no mei daqueles matos, po mei daquelas v'redas. Quando vinha alguém de fora, tudo marafusto a olhar p'r'àquela gente... Tudo assim... Bem, tudo assim uma gente... Viviam só lá com qu'era deles lá e lá com qu'nom era, num tinham convivência: c'm'àquela p'r'onde eu já fui além p'ra lá d'Oleiros, uma terra chamada Urraca. Eu ia destinado e chamado p'ra outra terra qu'nom me recordo agora o nome. Tinham falado comigo, aí um cesteire ò pé d'Oleiros e a p'ssoa chamou-me p'ra lá, qu'havia multe service. Naquele tempo havia muita falta de service e ele lá m'teve a indicar, c'm'àgora daqui prós P'rais, dar assim uma orientação do caminhe po mei daqueles pinhais e mates fora. Acabei o service onde eu 'stava e fui. Ele disse:

- O senhor chega à Urraca précura o caminhe, num deve errar, já num fica multe longe não.

Eu chegue à Urraca, uma terra p'rá i de vinte e cinco ou trinta moradores ou nim tante: tude gente assim às portas, assim a olhar p'ra mim. Eu c'a minha 'strogia às costas, carregado que nim um burro, tudo assim marafusto, hou migo!...

Conforme m'viram assim avançar p'la rua arriba, meteu-se tudo im casa, c'm'que tudo a fechar as portas. Tudo a fechar as portas, homes e tudo, tude a fechar as portas a meter-se im casa, a fugir, tude. Passei p'la rua acima, cheguei, cheguei até ò cime p'ra préguntar p'ra onde eu era p'ra seguir, p'ra onde eu qu'ria seguir. Por onde era o caminho. Num vim ninguém. Olhe p'ra trás, até chorei. Digo assim, digo assim, atão mas eu serei algum bicho qu'meta medo à alguém? Estou aqui im terra desconhecida, quer-me d'rigir p'ra outra terra, quer précurer o caminho, e tanta gente qu'eu vim quande cheguei ao funde da rua e agora meteu-se tudo im casa, tudo a fechar as portas. Niste, voltei pra baixe p'ra bater numa porta p'onde eu vi intrar uns homes, dois homes, e voltei p'ra baixe e quande cheguei ò cime da rua, via assim tude à j'nela... amontar assim à j'nela, outros assim à'montar à porta só c'a cabeça... uma cousa assim... como fosse tude brave. Assim co medo d'mim. Niste volte p'ra baixe p'ra preguntar ali a alguém, sai-me ali um home d'uma quina p'ra cá, vinha d'eitar c'mer a uns bois, ali d'uma quina. Quande m'viu disse:

- Ó migo, por favor insina-me aqui o caminho...

Lá p'rá outra terra, lá nomeei o nome dela. O home ficou tão atrapalhado qu'nom era capaz d'zer nada. Pois aquande m'viram à conversa c'aquele home, deram assim im vir, im vir. E como quim diz, "ele já num come aquele, tamém já nom nos há-de c'mer a nós." Depois junterem-se ali dois ou três ò pé de mim, homes e mulheres, à qu'eu lá intão precurei o caminho.

Começaram assim:

- Você vai aqui por da'quem, por da'quem, por da'quem, im chegando acolá incontra uma marcolada grande, passa por essa marcolada, im chegando ò cabo dessa marcolada vai pó lado direito, já vê logo a terra.

Eu disse assim:

- Tá bem.

O quê qu's'rá por da'quem, por da'quem? Por da'quem, por da'quem deve ser c'm'agente dizer segue por esse caminho fora, segue aí por diante. O quê qu's'rá uma marcolada? Num sei. Uma marcolada, depois dei im saber, era um pedaço de terra direito. Um pedaço de terra descoberta, direita, chamavam eles uma marcolada.

Lá fui dar c'a tal terra. Lá tive quase uma s'mana, muito bem tratado, muito bem 'stimado. Dromia numa boa cama e os trabalhadores lá num iam dromir ò palheiro, dromiam tude im cama.

Mas era gente, quer d'zer... c'mer hoje num m'aguentava c'aquele c'mer. O c'mer era c'mós porcos, vá limpezas ninhumas, as casas nunca eram lavadas, nim as paredes eram caiadas, eram conforme s'faziam de pedra, tudo inferrujado e o c'mer era ali c'mós porcos, assim s'pode d'zer. Pois atão comia-se sempre duas aogarias. Primeire comia-se cada um im sua malga. Era uma malga num era im pratos. E depois ò fim comia-se já todos d'um barranhão. Prá li s'botava depois vinho p'rá'quelas malgas do caldo qu'agente tava a c'mer, àpanhar c'um garfo, apanhar umas couvelhas c'um garfo, ò fim era assim:

- Já queres o teu?

- Já qu're o meu.

Atão, ali c'um p'chere, uma vasilha de cobre, antiga, hoje já nim há disse filho, vi isso nas casas antigas. Chamavam eles um p'chere, de cobre - do material dos alambiques, - com vinho. Botavam intão um copo de vinho p'ra malga do caldo, outras vezes botavam dois, pois bebia-se o caldo.

C'mer a broa, a gente do norte é a gente mais forte qu'há. Aqu'les 'stómagos logo de pequenos criados c'm'òs porcos, quer d'zer a comerim multe e a beberim vinho c'o caldo e c'mer broa, só daquele pão de milho – é o pão mais forte qu'há, ora o teu 'stómago e outros pracidos foi criado já com este pão, houje se voltasse p'ra esse pão de milho custava a abranger no 'stomago, abranger esse pão.

Na Rabacinas tanto se c'mia cinteio como broa, mas mais milho, comia-se mais broa qu'a cinteio. Era broa na parte do Inverno e cinteio na parte do Verão. Porque a broa agora d'Veirão apodrecia muito. Por exemplo o pão de milho cozido agora ò fim de quatro dias ou cinco 'stava já podre e o cinteio aguentava vinte cinco dias ou trinta até s'fosse preciso. E lá cozia-se, coziam ali pão p'ra quinze dias, quinze, vinte, num andavam cá... Ainda o punham numa tábua, assim na cozinha, numa tábua p'ra ele ainda indurecer mais breve, qu'era p'ra durar mais tempo. E im certas casas de malta miúda, p'ra nom comerim pão, só à refeição, à hora da comida, quando lho davam, punham-no numa tábua alta qu'eles lá num chegavam, e alguns e muitas, já assim mais tesos, arranjavam uma cana ou um pau pa tombar o pão p'ra baixe, p'ro mamarim e depois d'ziam que foi os ratos qu'o tombarim e quando o apanhavam cá im baixe comiam-no, pois, já podes ver.